

UM URSINHO BEM VELHINHO

Michael Ende



Resenha

O velho ursinho Washable já não sabia ao certo por que existia, desde que sua dona tinha deixado de ser criança. Não sabia alimentar uma família, como um camundongo. Não era tão eficiente como uma abelha, nem tão descontraído e cara de pau como um pardal. Não era bonito e elegante como um cisne, nem metódico e matemático como um cuco, nem tão pensativo e filosófico como um elefante. Na verdade, ele não sabia nem sequer ao certo se tinha uma alma eterna – já que dentro dele só havia matéria inerte, como espuma ou serragem. Não ser feito de carne e osso, todavia, vez ou outra, até que tinha as suas vantagens: fazia com que o urso não parecesse assim tão apetitoso para uma cobra perigosa, por exemplo, ainda que o impedisse de se transformar profundamente, como uma borboleta.

Seguia o ursinho entre as outras criaturas, um pouco desalentado, sentindo-se inútil e supérfluo – até que pôde ser finalmente encontrado (e adotado) por uma menina pobre que nunca tinha tido um bichinho de pelúcia. E foi assim que descobriu que o sentido da vida nem sempre está nas coisas que a gente é ou faz, mas no afeto que brota quando encontramos alguém que pode nos amar para valer.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Em *Um ursinho bem velhinho*, Michael Ende cria uma delicada fábula a respeito de um bichinho de pelúcia remendado que, perturbado pelas insinuações desagradáveis de uma mosca indiscreta, busca encontrar um sentido para sua existência. No caminho, porém, vai fazendo perguntas a animais que, na maior parte das vezes, não podem compreendê-lo – já que só conseguem utilizar sua própria vida como modelo ideal para a vida dos outros. Quem sou eu? Não é nunca uma pergunta banal.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator e pai

Este é o segundo livro de Michael Ende que lemos por aqui, ilustrado por Cornelia Haas.

Mal começamos a leitura, paramos no nome do ursinho: “*Washable*”. Meu filho mais velho adora palavras novas e não é incomum vê-lo repetindo as que aprende meio que sem motivo, apenas para fixá-las. *Washable* foi uma dessas.

Logo a seguir, paramos de novo. Desta vez na palavra “estrábico”. A história de *Washable* foi aproximando as crianças assim: palavra por palavra.

A pequena, que se deliciou com as ilustrações de Cornelia Haas, em pouco tempo contava a história adivinhando os trechos pelos belos desenhos. Os animais mais simpáticos (ela gostou especialmente do elefante) e os menos (chimpanzés, por exemplo, que ela achou “chatos, porque atiraram coisas no ursinho que era legal”) regeram a velocidade da leitura em cada página. Leitura repleta de comentários, claro.

Ainda sobre as ilustrações, um comentário de adulto: que rua incrível é essa da página 14! Uma

rua absolutamente verossímil, sem os achaques da ilustração estadunidense, sem simplificações e, ao mesmo tempo, completamente integrada ao clima mágico que qualifica a história como uma jornada heroica do pequeno bicho de pelúcia. De fato, uma ilustração perfeita.

Antes de chegar ao ponto que mais me interessou (e acredito que vai pegar os adultos), resalto um detalhe, que é o fim da história. A onomatopeia que *Washable* usa como resposta à mosquinha – *platsch!* – foi imediatamente entendida pelos pequenos, que inúmeras vezes bateram palmas para ouvir o som que esmagaria o pobre inseto. Contar o fim da história (para o grande e para a pequena) passou a ter esse momento sempre sonorizado com um alto e claro bater de palmas.

Agora, sim, a coisa mais maluca desse livro é que a pergunta do ursinho (por que existimos?) não é nada banal: as crianças percebem isso muito rápido. Quando os elefantes lhe contam que essa é uma questão para séculos de reflexão, meu filho mais velho riu, porque entendeu que a questão filosófica maior do ursinho tinha sido capturada pelos paquidermes. E comentou, quando o urso encontra a menina, ao fim, que “ele não descobriu porque ele existia, só encontrou uma amiga”. Isso deu espaço para mais um monte de conversas aqui.



Essa reflexão filosófica é o mote para a criança se debruçar também sobre perguntas profundas sem medo e isso é muito bonito no livro. As personagens, todos os animais que aparecem ao longo da jornada do ursinho, são de uma delicada e precisa construção, de forma que as relações rápidas que o brinquedo estabelece com cada um gera comparações com situações vividas, faz com que as crianças realmente tomem a aventura do ursinho como uma nova referência na lida com o mundo. A serpente com sua fala sibilada e suas más intenções, os macacos com sua bagunça regrada pela hierarquia, o cisne e sua soberba absurda. Essas relações entre o protagonista e as figuras que encontra são uma linha narrativa muito rica, muito cheia de possíveis camadas de significado.



Um pouco sobre o autor

Michael Ende nasceu em 1929 e faleceu em 1995 na Alemanha. Ele ficou mundialmente conhecido com livros como *A história sem fim* e *Momo*. Hoje, é um dos mais conhecidos escritores alemães, devido a seu talento para escrever para diversos públicos. Além de livros infantis e juvenis, ele também escreveu livros poéticos ilustrados, livros para adultos e peças teatrais. Muitos de seus livros

foram adaptados para o cinema ou para o rádio e a TV. Pela sua obra, recebeu inúmeros prêmios alemães e internacionais. Seus livros já venderam, em todo o mundo, mais de 20 milhões de exemplares e já foram traduzidos em cerca de 40 línguas.



Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *Momo e o senhor do tempo*. São Paulo: Martins Fontes.
- ✦ *A história sem fim*. São Paulo: Martins Editora.
- ✦ *Jim Knopf e os treze piratas*. São Paulo: Martins Editora.
- ✦ *A escola de magia e outras histórias*. São Paulo: Martins Fontes.
- ✦ *O teatro das sombras de Ofélia*. São Paulo: Ática.

Do mesmo gênero

- ✦ *Sua alteza a Divinha*, de Angela-Lago. Belo Horizonte: RHJ.
- ✦ *A casa sonolenta*, de Audrey Wood. São Paulo: Ática.
- ✦ *A árvore generosa*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

